CISION

País €conómico

ID: 44734120

01-11-2012

Tiragem: 30000
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Economia, Negócios e.

Pág: 28
Cores: Preto e Branco
Área: 18,74 x 25,22 cm²
Corte: 1 de 7

› GRANDE ENTREVISTA

Domingues de Azevedo, Bastonário da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas - OTOC

«A profissão de Técnico Oficial de Contas é de grande risco»

Em entrevista que concedeu à **País €conómico**, *o Bastonário da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas defende uma formação cada vez mais rigorosa para os seus cerca de 75 mil membros, isto porque no seu entender, a profissão de Técnico Oficial de Contas é de grande risco. «Desde 1999 que ninguém se inscreve nesta Ordem sem ter uma licenciatura ou no mínimo o grau de bacharel, e para além desta exigência aconselhamos aos nossos membros que façam formação ao longo da vida», referiu Domingues de Azevedo que diz que a Contabilidade até pode ser um sistema com muitos defeitos, «mas ainda é o único que melhor regista as necessidades que têm a ver com a sustentabilidade das empresas, que apesar de não serem efémeras não podem morrer precocemente. E neste processo temos de deixar bem claro que o papel de um TOC é fundamental».*

TEXTO › VALDEMAR BONACHO | **FOTOGRAFIA** › RUI ROCHA REIS

A profissão de Técnico Oficial de Contas (TOC) surge pela primeira vez no ordenamento jurídico português através da exigência de uma figura consagrada no Código da Contribuição Industrial, em consequência da reforma fiscal levada a efeito entre 1958 a 1963. Aquele diploma limitou-se a criar a figura de Técnico Oficial de Contas sem que, no entanto, seja acompanhada de normas jurídicas reguladoras do exercício da profissão, quer da definição das funções destes profissionais, limitando-se a exigir que as declarações de rendimentos fossem assinadas pelos referidos Técnicos Oficiais de Contas, inscritos na ex Direcção Geral da Contribuição e Impostos (DGCI).

Com a entrada em vigor do Código da Contribuição Industrial, em 1963, os Técnicos de Contas passaram, a partir dessa data, a prestar um trabalho meritório no âmbito da Contabilidade e Fiscalidade. No entanto, os vícios do tecido empresarial português contribuíram para que o trabalho desenvolvido por estes profissionais não fosse devidamente reconhecido. O próprio Bastonário da Ordem dos Técnicos de Contas, Domingues de Azevedo, fez questão de lembrar na entrevista que concedeu à **País €conómico** que durante alguns anos (e injustamente) «o poder político ignorou os Técnicos de Contas, confinando-os a meros funcionários administrativos».

Como é que é visto hoje o papel dos Técnicos Oficiais de Contas? Eles desempenham agora um papel mais importante do que desempenhavam há 15 ou 20 anos atrás? Domingues de Azevedo prontificou-se para responder, com algum detalhe, à nossa pergunta.

«O papel do Técnico Oficial de Contas, que em substância é o papel do Contabilista, tem por missão registar as operações relacionadas com a atividade comercial e, em função desses registos, criar a história económica das empresas. Naturalmente o percurso e o caminho que permite aos empresários e às empresas tomarem as decisões e, a partir daqui, aferirem da capacidade (ou não) da libertação de meios financeiros para o investimento, saberem inclusivamente quanto gastam na produção, quanto é que gastam nos produtos. Essa necessidade é hoje mais premente não só em Portugal mas em todo o mundo. Portanto, à medida que o mundo se vai globalizando, ele vai-se confrontando por vezes com situações com um grau de dificuldade difícil de comparar», referiu Domingues de Azevedo que após uma breve pausa, avançou com um exemplo interessante.

«Muitas vezes dizemos que a China produz muito mais barato que Portugal. Naturalmente que sim. Se os empresários chineses não têm de pagar 24,75% para a Segurança Social, porque os chineses ainda não têm Segurança Social, isto quer dizer o quê?! Quer dizer que eles conseguem colocar os seus produtos a um preço inferior, porque não pagam 24,75% que é o valor que os nossos empresários pagam para o sistema de proteção social, de uma importância fundamental numa Socieda-

CISION

País €conómico

ID: 44734120

01-11-2012

Tiragem: 30000
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Economia, Negócios e.

Pág: 29
Cores: Cor
Área: 20,09 x 27,16 cm²
Corte: 2 de 7

CISION

País €conómico

ID: 44734120

01-11-2012

Tiragem: 30000
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Economia, Negócios e.

Pág: 30
Cores: Cor
Área: 19,39 x 25,43 cm²
Corte: 3 de 7

de como a nossa onde os valores da Revolução Francesa continuam a ser, ainda hoje, valores pilares da nossa Sociedade e da dignidade humana. Mas há sociedades onde isto não existe. E isto quer dizer que as economias foram-se abrindo e à medida que elas se foram abrindo, deixaram de ter proteções como são os exemplos dos impostos cobrados pelas alfândegas. O imposto alfandegário é um imposto de proteção às economias. Deixando esses impostos de existir, estaremos perante uma situação de concorrência aberta e, como tal, as empresas cada vez mais têm a necessidade de saber por quanto é podem produzir, por quanto é que podem vender e qual é a sua capacidade em termos de flexibilidade de preços. E o único meio que nos consegue dar essa informação é exatamente a Contabilidade», enfatizou o Bastonário da OTOC, que a este propósito disse ainda.

A Contabilidade ajuda sustentabilidade das empresas

«Eu costumo dizer que a Contabilidade é um sistema com muitos defeitos, mas ainda é o único que melhor regista necessidades como a sustentabilidade das empresas, que apesar de não serem efémeras, não podem morrer precocemente. As empresas devem gerir as suas vidas de modo a que tenham uma sustentabilidade económica, isto é, os atos que as empresas praticam têm de ser atos que garantam a sua manutenção como unidades económicas. Para quê, perguntarão?! Porque hoje é mais do que evidente que as empresas desempenham um papel fundamental na estabilidade social.

E hoje mais do que nunca », destacou Domingues de Azevedo, que lembrou também que se as pessoas não tiverem emprego não se realizam humanamente como seres humanos, não conseguem criar meios de sustento para fazer face às necessidades das suas famílias, e que isto significará que teremos uma Sociedade completamente desequilibrada emocionalmente e até fisicamente. «Daí haver a preocupação de se manter a sustentabilidade das empresas, e os Técnicos Oficiais de Contas têm nesta matéria um papel preponderante».

A importância da organização das empresas

No entender de Domingues de Azevedo hoje, por efeitos das evoluções que têm havido no mundo, pela abolição de fronteiras, cada vez mais as empresas têm necessidade dessa organização. «A única salvaguarda que as empresas têm de se manterem como unidades económicas em continuidade, é exatamente essa organização que lhes permite terem a informação necessária às tomadas de decisão, sempre que precisem dela. Se uma empresa (grande ou pequena) tiver informação, ela pode a todo o momento avaliar-se: sabe onde está a ganhar dinheiro, sabe porque está a perder dinheiro, sabe em que medida os seus projetos não se concretizaram, e para isso precisa de registos, precisa de construir um lastro, e esse lastro, essa fortaleza é a Contabilidade», deixou claro o Bastonário da OTOC.

Os empresários portugueses já vêm hoje os TOC de uma outra maneira e naturalmente que a Revolução de Abril abriu as portas a essa mudança de mentalidade? – Perguntámos a Domingues de Azevedo, que não hesitou em dar uma resposta incisiva.

«Vamos ser realistas em relação ao que se passa em Portugal. Vamos inclusivamente justificar porque é que existiam alguns atos negativos nesta matéria. Tivemos durante muitos anos uma ditadura em Portugal em que tínhamos uma economia fechada. A nossa economia era produzida. E isso queria dizer o quê?! Portugal produzia – por exemplo – gravadores, e esses gravadores custavam 100 euros. Se em Espanha produzissem esses mesmos gravadores por 90 euros, então nós aqui púnhamos um imposto de 10 euros em cima do produto que vinha de Espanha para que ele não fizesse concorrência ao nosso produto. Esse era o mal da proteção económica que os nossos sistemas políticos tinham, mas que por outro lado levavam a que as nossas empresas à sombra dessa proteção não tivessem e não sentissem necessidade de informação. Com a Revolução de Abril isso mudou radicalmente. A partir daí as empresas portuguesas ao deixarem de ter essa proteção tiveram de se confrontar com mercados abertos, com produtos que elas fabricavam, por vezes a preços muito mais baixos. Acabaram por ter de repensar todo o seu processo produtivo: o porquê dos custos que tinham

CISION

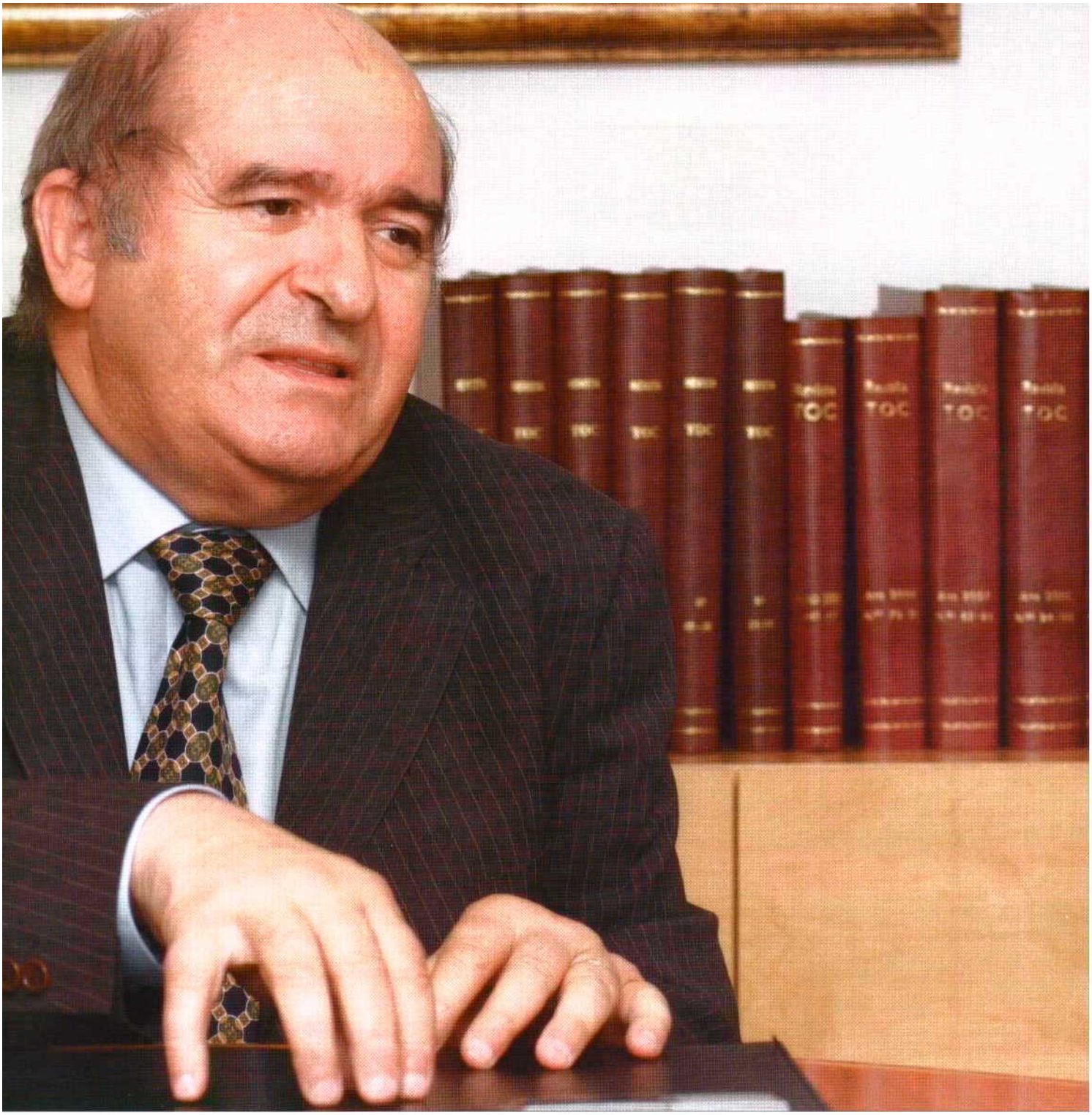
País €conómico

ID: 44734120

01-11-2012

Tiragem: 30000
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Economia, Negócios e.

Pág: 31
Cores: Cor
Área: 19,76 x 25,60 cm²
Corte: 4 de 7



na produção, onde é que poderiam melhorar nessa mesma produção, e depois houve também os fundos comunitários que ajudaram a essa transformação muito característica da nossa sociedade no que respeita ao processo produtivo onde predominava a mão-de-obra, e naturalmente na conversão desse modelo produtivo onde sobressaia a tecnologia, e por efeito dessa transformação (e esta é a minha opinião pessoal) criou-se um pouco a ideia de que a Contabilidade não tinha importância. Mas quando as empresas depois se confrontaram, exatamente no universo onde elas tinham de sobreviver, em condições de igualdade com outras empresas, elas acabaram por verificar da necessidade de se organizarem e da necessidade da informação da sua própria organização, para poderem responder a essa competitividade», clarificou o Bastonário da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas.

TOC - Profissão de grande risco

Domingues de Azevedo defende nesta entrevista que um licenciado, seja ele em que área for, não pode descurar a forma-

CISION

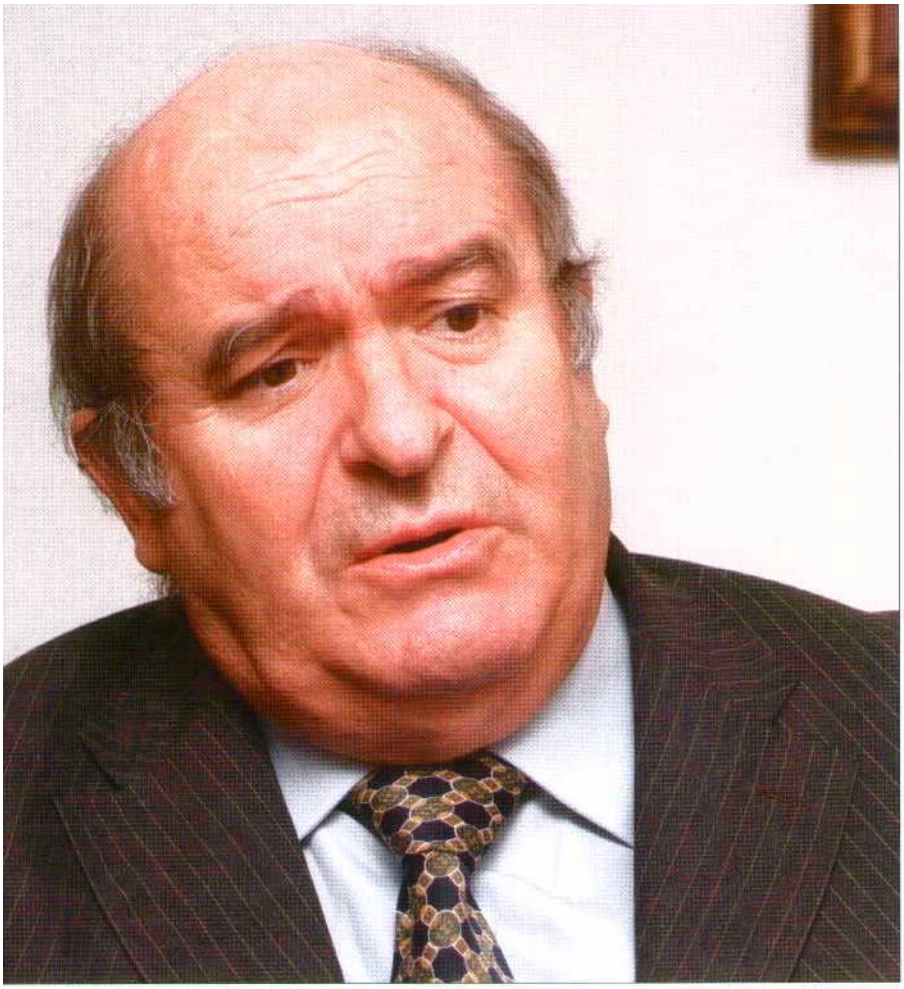
País €conómico

ID: 44734120

01-11-2012

Tiragem: 30000
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Economia, Negócios e.

Pág: 32
Cores: Cor
Área: 19,39 x 25,43 cm²
Corte: 5 de 7



ção. «Uma das coisas com que nos confrontámos como Ordem foi superar um bocado o mito da ideia de quem é licenciado não precisa de ter formação. E nós superámos isso.

O Técnico Oficial de Contas tem de ser um licenciado. Desde 1999 que ninguém se consegue inscrever nesta instituição se não tiver uma licenciatura ou o grau de bacharel, ou seja, três anos de formação superior no mínimo. Esta exigência fomos nós que a impusemos. Desde muito cedo que nos apercebemos que as profissões assumidas por esta Ordem, são profissões de uma grande notabilidade nas normas que as regem. Num Estado Democrático como o nosso o seu "clube de receita" está na comparticipação dos seus próprios cidadãos na Sociedade, isto porque as necessidades financeiras de um Estado são diretamente proporcionais à intervenção desse mesmo Estado na resolução dos problemas dos cidadãos. Antigamente só estudava quem era filho de pai rico, e um Governo com essas características não tem necessidade de grandes dinheiros. Mas um Governo deve apoiar quem tem condições para estudar, sejam pobres ou sejam ricos, porque quem beneficia com isso é a própria Sociedade», disse o Bastonário da OTC, para referir logo de seguida que a missão do Sistema Fiscal é angariar receitas para o Estado. «Se o Estado não tem essa receita, se o sistema não está a corresponder, ele vai produzindo alterações no sistema até que este cumpra essa missão. Por isso uma missão desta natureza é sempre sujeita a um quadro de notabilidade (a um quadro de alterações) muito mais acentuado do que é uma profissão de engenheiro, de médico, de advogado. Isto porque não obstante estas serem profissões que evoluem, a sua evolução é muito mais lenta do que são as alterações fiscais permanentes. Tudo isto também para dizer que a formação é necessária para as profissões de maior risco, e o Técnico Oficial de Contas é uma profissão de enorme risco», reconheceu Domingues de Azevedo.

Diferenças entre um TOC de uma PME e uma grande empresa

O Bastonário da OTC mudaria ligeiramente o seu discurso para chamar a atenção para a realidade objetiva que Portugal tem no universo empresarial, matéria, aliás, importantíssima. «Uma conclusão a que chegámos há mais de dez anos atrás dizia que o tecido empresarial em Portugal é indiscutivelmente mais preenchido por PME. Elas continuam a ser a maior riqueza do país. Não podemos hoje avaliar as empresas apenas pela sua rentabilidade, embora não deixe de reconhecer os contributos que uma grande empresa pode dar à nossa economia. Agora o que vos digo é quando uma grande empresa se "constipa", pode significar o despedimento de um grande número de trabalhadores. E quando isso acontece com uma PME, ela por norma encontra um remédio para se segurar. Isto porque estamos a falar de estruturas muito flexíveis, que possibilitam um manuseamento mais fácil que o de uma grande empresa. A grande questão que se coloca a um contabilista de uma pequena e de uma média empresa é o exercício efetivo nessas empresas. Agora se eu vou falar de um contabilista de uma grande empresa, direi que ele não tem a necessidade de saber o cálculo financeiro, não tem a necessidade de conhecer as leis laborais. E não têm essa necessidade porque estas empresas (uma Ford, uma Volskwagen, e muitas outras) têm uma dimensão de tal ordem, que a sua própria estrutura cria departamentos especializados. Há um conjunto de coisas que são canalizadas por especialidades, mas uma pequena e média empresa não tem essa possibilidade. Então quem normalmente tem de fazer as especialidades nessas PME é o Técnico Oficial de Contas e daí (como já disse anteriormente) a necessidade de muita formação. Um TOC de uma PME tem de saber mais, tem de ter mais sabedoria do que o TOC de uma grande empresa», concluiu Domingues de Azevedo, Bastonário da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas.

CISION

País €conómico

ID: 44734120

01-11-2012

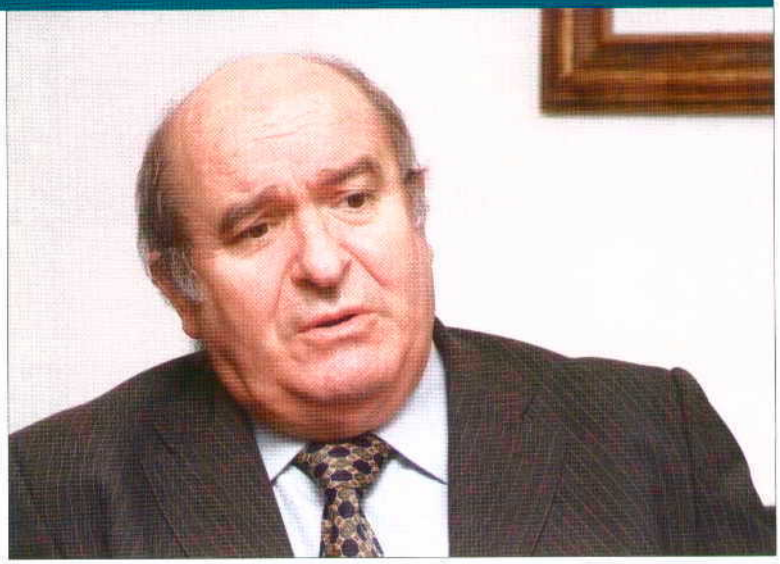
Tiragem: 30000
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Economia, Negócios e.

Pág: 4
Cores: Cor
Área: 17,87 x 8,74 cm²
Corte: 6 de 7

Grande Entrevista

Domingues de Azevedo é o Bastonário da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas (OTOC) e em entrevista à **País €conómico** critica o caminho que o país tem seguido nos últimos anos. Sublinha o papel fundamental dos técnicos oficiais de contas, que desde há vários anos só são recebidos na Ordem desde que tenham uma licenciatura ou um bacharelato. Exigência, rigor e uma ética acima de qualquer suspeita, constituem pilares fundamentais pelas quais a OTOC pugna e faz cumprir, enfatiza o seu bastonário, que no entanto sublinha que os técnicos têm grandes preocupações com a sustentabilidade das empresas.

pág. 28 a 32



CISION

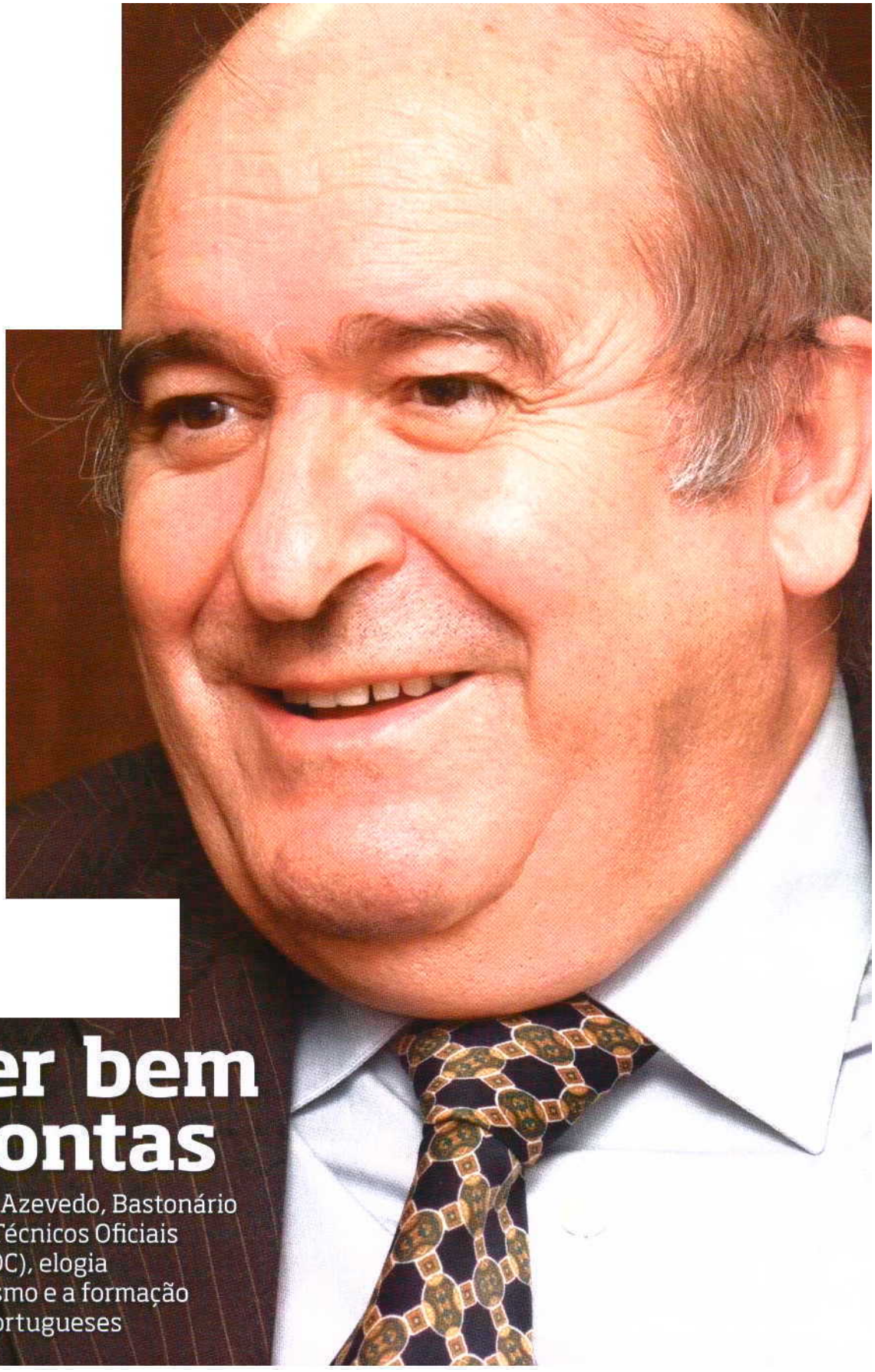
País €conómico

ID: 44734120

01-11-2012

Tiragem: 30000
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Economia, Negócios e.

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 18,57 x 23,64 cm²
Corte: 7 de 7



Fazer bem as contas

Domingues de Azevedo, Bastonário da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas (OTOC), elogia o profissionalismo e a formação dos técnicos portugueses